

"O rescaldo da guerra" in O Século (6 Junho 1947)

Source: O Século. 06.06.1947. Lisboa. "O rescaldo da guerra", auteur:R. , p. 5.

Copyright: All rights of reproduction, public communication, adaptation, distribution or dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.

The documents available on this Web site are the exclusive property of their authors or right holders.

Requests for authorisation are to be addressed to the authors or right holders concerned.

Further information may be obtained by referring to the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

URL: http://www.cvce.eu/obj/o_rescaldo_da_guerra_in_o_seculo_6_junho_1947-pt-b999de13-5d9e-4e89-bfb7-86efa4e8f0ab.html

Publication date: 02/12/2013

O rescaldo da guerra

Os Estados Unidos não podem fazer muito mais para aliviar o estado da Europa enquanto não se chegar a acordo sobre um programa em que participem muitas se não todas as nações desse Continente – declarou o secretário de Estado americano

CAMBRIDGE (MASSACHUSETTS), 5. – O secretário de Estado, Georges Marshall, falando na Universidade de Harvard apelou para os países da Europa, a fim de se unirem na planificação da sua economia, e disse que os Estados Unidos não podem fazer muito mais para aliviar o estado da Europa enquanto não se chegar a acordo sobre um programa em que participem muitas se não todas as nações desse continente.

Marshall disse: «Já se torna evidente que, antes do governo americano poder avançar muito mais na senda de aliviar a situação e auxiliar a Europa e o Mundo a restabelecerem-se deve haver certo acordo entre os países da Europa, no que respeita às exigências da situação; e parte desses países deve ter em conta o efeito conveniente de qualquer acção que possa ser tomada por parte deste governo».

«Não seria conveniente nem eficaz – prosseguiu – que este governo se compromettesse a elaborar unilateralmente um programa que se destinasse a restabelecer economicamente a Europa. É um caso que pertence aos europeus. Penso que a iniciativa deve partir da Europa. O papel dos Estados Unidos deve consistir no auxílio amigável para a elaboração do programa europeu e, depois, no apoio desse programa na medida em que esse apoio pudesse ser prestado. O programa deve ser elaborado e apoiado pela maior parte, se não por todas as nações da Europa».

A principal dificuldade europeia consiste no restabelecimento da confiança dos povos na economia dos seus próprios países

Marshall disse que a Europa viria a conseguir auxílio de fora, durante três ou quatro anos, mas declarou que as dificuldades europeias, neste momento, consistem no restabelecimento da confiança do povo na futura economia dos seus próprios países e de toda a Europa. Afirmou: «É lógico que os Estados Unidos façam tudo o que lhes seja possível para auxiliar o regresso à saúde económica normal do Mundo, sem o que não pode haver estabilidade política nem paz garantida. A nossa política não é dirigida contra qualquer país nem qualquer doutrina, mas contra a penúria, a pobreza, o desespero e o caos.

«O auxílio americano não deve sair das várias crises manifestadas. Qualquer auxílio deste governo, no futuro, deve ser mais um remédio do que um paliativo. Qualquer governo que se queira manter na tarefa do restabelecimento encontrará plena cooperação, segundo estou certo, da parte do governo britânico. Qualquer governo que manobra para bloquear o restabelecimento dos outros países não pode esperar auxílio da nossa parte. Além disso, os governos, partidos políticos ou grupos que procurem perpetuar o mal hão-de encontrar a oposição dos Estados Unidos».

Georges Marshall classificou a situação mundial de hoje de «muito grave» e passou revista à quebra económica da Europa durante o pós-guerra. Terminou: «A reabilitação da estrutura económica da Europa há-de exigir evidentemente muito mais tempo e esforços muito maiores do que se previra». – (R.)

Admite-se em Washington a possibilidade da realização de uma conferência económica europeia

WASHINGTON, 5 – O apelo do secretário de Estado, Marshall, para que as nações da Europa se unam na planificação do restabelecimento económico, é encarado nos circuitos diplomáticos desta cidade como querendo dizer que a Secretaria de Estado adopta oficialmente como sua política o tão discutido plano de auxiliar os países europeus, numa base continental, em vez de o fazer numa base individual.

A possibilidade de uma rápida resposta europeia abrangendo possivelmente uma conferência económica da Europa, está a ser discutida.

O discurso é tido como a declaração política mais importante e criadora, desde que o presidente Truman, em Março, apresentou pela primeira vez a sua doutrina de auxílio à resistência dos países ameaçados pelos comunistas.

As propostas acentuadas por Marshall são interpretadas como a aplicação construtiva e positiva da doutrina de Truman à actual desintegração económica da Europa. Os Estados Unidos procuram evitar o colapso económico da Europa, e as consequências inevitáveis a favor do comunismo, animando a construção de uma economia europeia mais unificada. Os planificadores diplomáticos e políticos da administração estão convencidos não só de que um tal movimento, por parte de países europeus, é em si mesmo a forma única de resolver a crise, mas que, sem esse movimento, se não pode persuadir o Congresso a tratar de quaisquer novos fundos de auxílio à Europa. À parte das considerações políticas do discurso de Marshall espera-se que tenha um efeito prático imediato sobre o decorrer da política europeia dos Estados Unidos. Crê-se que é um dos primeiros frutos do estudo feito pelo «estado maior general» da planificação, há pouco nomeado por Marshall, das condições económicas em relação aos propostos programas de auxílio».

Há a possibilidade de os Estados Unidos alargarem o programa do seu auxílio à Europa, elevando-o a biliões de dólares

Quais serão os seus efeitos? Em primeiro lugar, o discurso constitui uma indicação aos representantes dos Estados Unidos nas capitais europeias, em Washington e nas organizações internacionais. Espera-se que esses representantes, no decorrer das negociações, serão orientados pela interpenetração europeia dos problemas, até agora tida como assunto perante o qual os interesses dos Estados Unidos e dos países em questão eram objectivos primários. Segundo Marshall acentuou especificamente, a próxima medida dirá respeito aos próprios governos europeus, e os representantes desses governos que estão a discutir ou negociar as formas de auxílio dificilmente podem deixar de tomar qualquer medida prática, num futuro próximo.

As palavras de Marshall parece pressuporem qualquer espécie de reunião europeia para elaborar as medidas conjuntas sobre os acordos, mas diz claramente que a convocação de qualquer conferência económica não pode ser feita pelos Estados Unidos, embora estes esperem estar representados nela.

Em terceiro lugar, se o programa for elaborado com êxito, Marshall fica com a possibilidade de os Estados Unidos alargarem o programa continental de auxílio à Europa numa escala mais ampla. Trata-se provavelmente de mais alguma coisa do que da fusão dos planos existentes e abrange somas muito maiores de dinheiro. Tomando em conta as recentes declarações do subsecretário de Estado, Dean Acheson, um tal auxílio podia elevar-se a biliões de dólares. Nesta cidade, reconhecem-se os obstáculos a tal programa, que são imensos, tanto no que respeita à sua aceitação por parte dos países europeus, como do Congresso americano, e o texto do discurso de Marshall reflecte a consciência que ele tem de tais perigos.

O governo americano não poderá obter a aprovação parlamentar a novo programa de auxílio se este não for olhado como processo de deter a expansão comunista russa

Marshall negou a acusação de se estar a erguer um bloco ocidental contra a Rússia. Previu os ataques da Imprensa de Moscovo, que não preocupam Washington, embora essas acusações possam vir a criar uma oposição firme, exactamente nesses países que o programa procura auxiliar. Essa propaganda, paralisadora poderosa, no caso de grupos pró-soviéticos de minoria nos países da Europa ocidental, poderem impedir os países europeus de tomarem a iniciativa que devem tomar, é o que preocupa a administração. Esta vê-se também perante o dilema de procurar obter a aprovação da maioria do Congresso para o programa, precisando do apoio daqueles que só o darão no caso de o encararem como meio de deter a expansão comunista e russa.

O segundo obstáculo ao programa de auxílio abrange as maneiras de ver diferentes da Europa e dos Estados Unidos. Os círculos da administração conhecem bem o facto de os países europeus se mostrarem muito sensíveis a quaisquer infracções da sua soberania política e económica, por parte dos planos conjuntos. Ao mesmo tempo, Marshall exprime a poderosa tendência de opinião no Congresso, na Imprensa e na opinião

pública, ao dizer que os Estados Unidos só auxiliarão os países se estes se resolverem a andar metade do caminho. Os observadores políticos estão convencidos de que a administração não poderá obter a aprovação do Congresso para qualquer programa de auxílio semelhante ao greco-turco, sem novas provas de reformas políticas e económicas. – (R.)